



MADAME
BUTTERFLY

P U C C I N I

蝶々夫人

NEWTON CARDOSO

Governador do Estado de Minas Gerais

ÂNGELA GUTIERREZ

Secretária de Estado da Cultura

DALTON CANABRAVA FILHO

Superintendente da Fundação Clóvis Salgado

FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO

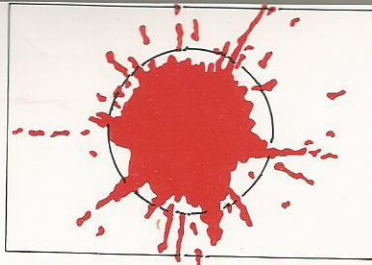
apresenta:



MADAME
BUTTERFLY

P U C C I N I

TEMPORADA LÍRICA 1988
PALÁCIO DAS ARTES
28 DE JUNHO A 03 DE JULHO



MADAME BUTTERFLY

Personagens:

Madame Butterfly (Cio-Cio-San):

Sopranos Celine Imbert e

Patrizia Morandini

Pinkerton:

Tenores Eduardo Álvares e

Benito Maresca

Sharpless:

Barítonos Andréa Ramus e

Edson Audi

Susuki:

Meio-soprano Vânia Soares

Goro:

Tenor Afrânio Bastos

Príncipe Yamadori:

Tenor Márcio Miranda Pontes

Kate Pinkerton:

Meio-soprano Rita Ivani Garcia

Bonzo:

Baixo Eduardo Janho-Abumrad

Comissário Imperial:

Baixo Sebastião Soares

Filha de Butterfly

Débora Cristina Salgado



GIACOMO PUCCINI

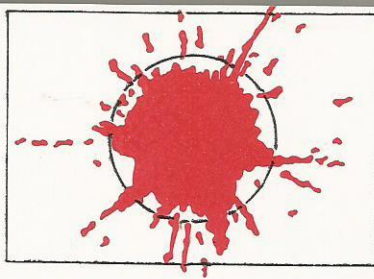
Compositor italiano, Giacomo Puccini nasceu em Lucca a 22 de dezembro de 1858 e morreu em Bruxelas a 29 de novembro de 1924. Descendente de uma família de tradição musical, ingressou em 1880 no Conservatório de Milão, onde permaneceu três anos e teve como mestres musicais Antônio Bazzini e Amilcar Ponchielli, o compositor de "La Gioconda". Desde 1876, quando assistiu a uma representação de "Aida", de Verdi, decidiu-se pela música operística. A partir de 1883, quando terminou o curso no conservatório e até o fim da vida, compôs óperas que conheceram êxito surpreendente, tornando-o o mais popular compositor italiano do século XX.

Com "Le Ville" ("As Fadas", 1884) conhece seu primeiro sucesso. Inicialmente composta para um concurso de óperas, sua representação foi bem recebida pelo público e atraiu a atenção de Giulio Ricordi, editor de Verdi, que lhe ofereceu contrato permanente em sua editora.

"Manon Lescaut" (1893), baseada no romance de Prévost (como a ópera "Manon", de Massenet), é a primeira ópera de Puccini a alcançar sucesso no exterior. Seguem-se suas três óperas mais populares: "La Bohème" (1896), baseada no romance de Henri Mungler; "Tosca" (1900), libreto tirado da peça homônima de Victorien Sandon; e "Madame Butterfly" (1904).

Giacomo Puccini aborda épocas e ambientes diferentes, sempre em busca de um toque de exotismo e do melodramático. Procura agradar as mais diversas platéias, culminando em 1910 com a ópera "La Fanciulla del West" ("A Garota do Oeste"), especialmente escrita para o público americano. O seu estilo reúne as expressões mais contraditórias, o heróico e o íntimo, o cotidiano e o romântico, a linguagem do grande mundo e a do povo, e acima de tudo, a ternura. As suas melhores páginas são as que dedicou ao perfil feminino, cujos nomes constituem símbolo de variada paixão: Manon, Mimi, Tosca, Madame Butterfly, a moça do oeste, Turandot e Líu.

Entre outras óperas de Puccini, destacam-se ainda "La Rondine" (1917); três óperas em 1 ato: "Suor Angelica", "Il Tabarro" e a ópera cômica "Gianni Schicchi" (1918); e a inacabada "Turandot" (1924), completada por Franco Alfano.



MADAME BUTTERFLY

蝶
々
夫
人

Em fins do século XIX floresceu na Europa o gosto pelas coisas do Oriente. Os romances, operetas, gravuras e diário de viagem sobre os países do Leste, tornaram-se muito populares e de largo consumo. Artistas importantes como Gauguin e Van Gogh foram profundamente influenciados pela arte japonesa.

A idéia de compor “Madame Butterfly” surgiu em julho de 1900, quando Puccini se achava em Londres para assistir a estréia de sua ópera “Tosca”, no Convent Garde. Na capital inglesa ele assistiu à representação da peça norte-americana “Madame Butterfly”, de David Belasco, baseada no conto de Jonh Long. Fascinado pelo drama da heroína e pelas sugestões exóticas da ambientação, começou imediatamente a trabalhar, com a colaboração dos libretistas Illica e Giacosa.

Os dois libretistas utilizaram o argumento básico do conto de Long, adaptado por Belasco, mas enriqueceram-no com várias idéias extraídas do romance “Madame Chrysanthème”, de Pierre Loti, publicado em 1887 e que iniciara uma série de obras de temática oriental. Em seu romance, Loti descreve sua experiência como oficial do Triomphante, durante a estadia do navio em Nagasaki, onde observara o conflito entre as culturas diversamente estruturadas, numa época em que o Japão abria seus portos aos navios de outros países. E detinha-se no exame do estranho costume que permitia aos oficiais da marinha estrangeira casarem-se

temporiamente com queixas, estabelecendo cômodas ligações que o marido podia desfazer ao seu capricho, uma vez terminada a licença.

Na adaptação feita por David Belasco para o teatro, uma alteração foi introduzida no desfecho, que se tornou trágico, com o suicídio de Butterfly. E quando Giacosa e Illica começaram a trabalhar para o libreto, outros detalhes foram remanejados.

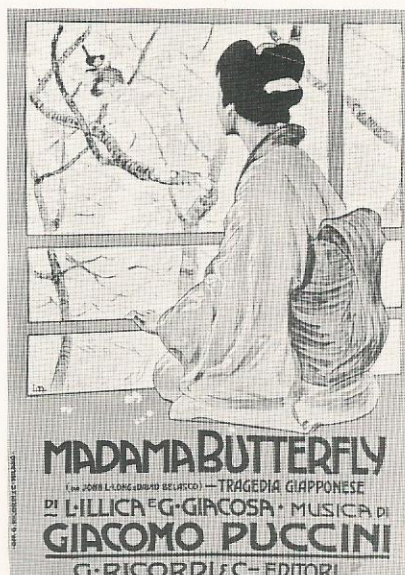
Embora as histórias de amor com final trágico já tivessem sido muito exploradas no teatro lírico, inclusive pelo próprio Puccini, havia algo de novo em Butterfly. Figura de literatura popular, frágil por sua concepção estreita de produto de grande consumo, parecia viver num Japão irreal. Mas a música de Puccini impregnou a personagem e seu ambiente de tanta sinceridade, que os tornaram reais e comoventes.

“Madame Butterfly” (“Madama Butterfly” em italiano) estreou a 17 de fevereiro de 1904, no Scala de Milão. Foi um estrondoso fiasco, recebido com uma das vaias mais famosas da História da Música. Permanecem misteriosas as razões deste insucesso inicial, principalmente se considerarmos o êxito retumbante que a ópera viria a alcançar pouco tempo depois. Entretanto, após esse fracasso inicial, Puccini reformulou a ópera, que passou a ser em três atos, em vez de dois, reestreado-a posteriormente com grande sucesso, que se mantém vivo até hoje, junto a “Carmen”, de Bizet e “La Traviata”, de Verdi, como uma das óperas mais populares do mundo.

ENREDO

IATO

A ação se passa no Japão, época contemporânea. Frank Pinkerton, oficial da marinha norte-americana, aproveita a estadia de seu barco no porto japonês de Nagasaki, para dar-se ao luxo de saborear certa aventura de caráter oriental. Uma mulher, assim como uma casa, pode ser alugada no Japão, segundo as leis fiscais, pelo prazo de 999 anos. Porém, este contrato de aluguel pode ser rescindido, sem nenhuma consequência. A mulher fica, assim, tão livre quanto o homem. Com esta facilidade, Pinkerton decide casar-se, valendo-se da ajuda de Goro, um agenciador deste tipo de transações, que oferece-lhe uma casa com precioso jardim e uma gueixa de quinze anos, cantora primorosa e muito agraciada, conhecida pelo afetuoso nome de "Madame Butterfly". Sharpless, cônsul dos Estados Unidos em Nagasaki, aconselha o tenente a desistir do seu propóstio, que pode causar sofrimento a uma jovem criatura inocente, como é Butterfly. No entanto, Pinkerton brinca com os conselhos do cônsul e afirma sua resolução de divertir-se no Japão até sua partida para a América, onde o espera sua noiva Kate.



Desenho de Leopoldo Metlicovich para o cartaz de estréia da ópera.

Butterfly é então apresentada a Pinkerton por Goro, chegando à casa acompanhada por um grupo de amigas. Butterfly conta sua história: é filha de um alto funcionário que caiu em desgraça perante a corte e acabou por suicidar-se com um punhal que o imperador lhe enviara como indicação de seu desígnio. Realiza-se o matrimônio. Súbito surge o tio Bonzo, que amaldiçoa Butterfly por sua decisão de abandonar o budismo para abraçar a religião protestante. Apaixonada pelo oficial americano, a gueixa não lhe dá ouvidos e afirma não ter medo de ser renegada, pois está feliz.

蝶々夫人

II ATO

Pinkerton parte para a América, deixando Butterfly apaixonada e já com um filho pequeno. Ao desperdir-se dela, Pinkerton afirma que voltará “quando as rosas florescerem e os pássaros fizerem seus ninhos”.

Três anos se passam. Susuki, a fiel criada de Butterfly, solidariza-se com a dor da pequena gueixa que não se cansa de acreditar na volta de seu amor. O cônsul Sharpless recebe uma carta de Pinkerton, onde o tenente conta-lhe sobre seu casamento com Kate, anunciando também sua próxima chegada a Nagasaki, em viagem com a mulher. Na carta, ele encarrega Sharpless de contar a Butterfly o ocorrido. O cônsul chega, disposto a cumprir sua missão. Com ele chega também à casa de Butterfly o agenciador Goro, com propostas de novos casamentos: trata-se de um pretendente nobre, o Príncipe Yamadori. No entanto, Butterfly afirma estar casada com Pinkerton, que voltará em breve. Ela pergunta então ao cônsul “quando florescem as rosas na América”.

Comovido, Sharpless não sabe o que responder. Yamadori entra, interrompendo a cena. Butterfly recusa seu pedido de casamento. Quando todos saem, Sharpless decide-se a ler a carta. Butterfly traz o filho para mostrá-lo ao cônsul. Ele pergunta o nome da criança e Butterfly diz que o batizou com o nome de Dor, mas mudará para Alegria, quando Pinkerton voltar. O cônsul despede-se profundamente



Cartolina distribuída na estréia da ópera.

comovido. Logo em seguida, aparece Susuki, segurando Goro pela orelha: o casamenteiro ousara insinuar que o filho de Butterfly seria tratado como bastardo nos Estados Unidos. Butterfly avança sobre ele, num acesso de fúria. Nesse momento, ouve-se um tiro de canhão vindo do porto. Acaba de chegar um navio americano e Butterfly observa que é o de Pinkerton. Ela corre a enfeitar a casa, auxiliada por Susuki. E passa a noite em vigília, aguardando o amado.

III ATO

O dia amanhece. Butterfly fecha-se com o filho no quarto: vão preparar-se para receber o tenente. Mal acaba de retirar-se, quando aparecem Pinkerton e Sharpless. Susuki os recebe e nota, com estranheza, uma senhora no jardim. Sharpless conta-lhe que é a esposa americana de Pinkerton e Susuki cai em prantos. O cônsul pede-lhe calma e conta que a senhora veio para adotar a criança. Pinkerton confessa sua covardia perante a situação e despede-se, suplicando a Sharpless que console Butterfly. Esta, ao aparecer, percebe nos modos de Susuki que algo de mal aconteceu. Vê a estranha senhora e compreende o que se passa. Kate dirige-lhe amáveis palavras, tentando consolá-la e pergunta se o marido pode levar a criança. Com patética resignação, Butterfly diz que sim, desde que ele venha pessoalmente buscá-lo dentro de meia hora. Todos saem, deixando Butterfly sozinha. Ela veste-se então com o traje que usara no dia de seu casamento, apanha o punhal, com o qual seu pai se matara, onde se encontram gravadas as seguintes palavras: “Com honra morre quem não pode conservar a vida com honra”. Butterfly prepara-se para o sacrifício, quando entra seu filho. Depois, pega novamente o punhal e crava-o na garganta, atrás de um biombo, caindo ao chão, ao lado de seu filho. Entra Pinkerton, seguido de Sharpless, gritando-lhe o nome, enquanto Butterfly dá o seu último suspiro.



SÉRGIO MAGNANI

Regência

Distinguido como “Cidadão Honorário de Belo Horizonte, Sérgio Magnani já recebeu também as medalhas “Ordem da Inconfidência”, “Insignia do Mérito” e “Comenda de Mérito”, todas elas como resultado de sua dedicação no campo da música, da pesquisa e do magistramento em Minas Gerais, onde se encontra radicado há vários anos, vindo da Itália, seu país de origem. Maestro, professor, músico, Doutor em Direito e em Letras, compositor e reconstrutor de obras musicais do Barroco Mineiro, Magnani já foi regente titular da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, onde destacou-se como um dos mais importantes maestros operísticos do país. São frequentes os convites que recebe para reger as principais orquestras brasileiras e este ano esteve à frente da Orquestra Sinfônica de São Paulo.

TIZUKA YAMASAKI

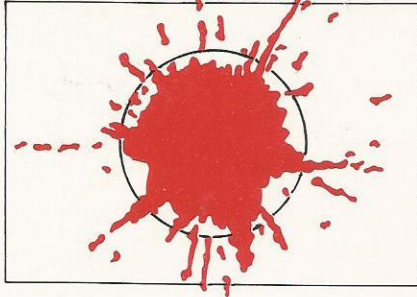
Direção de Cena

A diretora Tizuka Yamasaki nasceu em Atibaia, interior de São Paulo e começou sua carreira em 1973, trabalhando sete anos como técnica de cinema. Junto com Carlos Alberto Diniz e Lael Rodrigues fundou o CPC - Centro Técnico de Produção e Comunicação. Fez um filme com Glauber Rocha, um outro independente e com “Gaijin”, produzido pela Embrafilme, Tizuka venceu cinco categorias no Festival de Gramado, conquistou o segundo lugar no prêmio Câmara de Ouro do Festival de Cannes e menção especial da crítica internacional. Seguiram-se “Parayba Mulher Macho”, “Patriamada” e a versão 88 da série “Pagador de Promessas”, sobre a peça de Dias Gomes para a Rede Globo. Com “Madame Butterfly”, Tizuka estreia como diretora operística.

RAUL BELÉM MACHADO

Cenografia e Figurinos

Arquiteto por formação, Raul Belém Machado é responsável há cinco anos pelos cenários e figurinos das produções da Fundação Clóvis Salgado, sejam elas balés, óperas ou espetáculos que utilizam linguagens múltiplas. Várias vezes premiado a nível nacional, Raul Belém completa este ano vinte anos de atividades no mundo artístico, como cenógrafo, cenotécnico, figurinista e diretor. Entre os cenários e figurinos já realizados destacam-se os das óperas “Lucia de Lammermoor”, “Carmen”, “Rigoletto”, “A Flauta Mágica”, “A Viúva Alegre”, “Lo Schiavo” e “Balada Para Matraga”, estes últimos em busca de uma linguagem cênica contemporânea para produções líricas.



CELINE IMBERT

Aluna dos professores Leilah Farah e Carmo Barbosa, a paulista Celine Imbert é considerada pela crítica especializada como uma das mais belas vozes contemporâneas brasileiras. Vem desenvolvendo intensa carreira como cantora, atuando em recitais, óperas e concertos.

Entre os prêmios conquistados em sua carreira artística destacam-se o de "Melhor Intérprete de Música Brasileira", em 1985; "Melhor Cantora de 1986", pela Associação Paulista de Críticos de Arte; "Mulher Allarde 87 - Categoria Revelação", pela sua atuação no papel-título da ópera "Carmen", de Bizet, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Suas mais recentes apresentações incluem "Andrea Chenier", de Giordano; "La Voix Humaine", de Francis Polanc; "Dido e Enéias", de Henry Purcell; "Requiem", de Verdi, em novembro de 87 no Palácio das Artes.

PATRIZIA MORANDINI

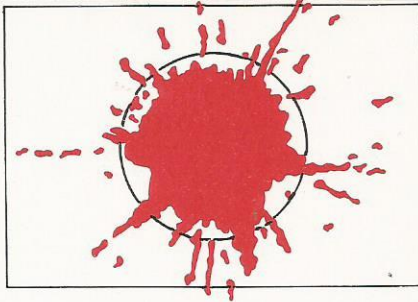
Natural de Belo Horizonte, Patrizia iniciou seus estudos musicais no Conservatório do Estado Cherubini, Florença, onde fez cursos de piano, de composição e de canto. Estreou em 1984 na "Ópera da Tre Soldi" de Brecht, demonstrando excelentes dotes teatrais. Em 1985, fez uma turnê de 40 apresentações pela Itália, cantando em uma comédia musical com obras de autores contemporâneos. A seguir, participou das óperas "Electra", de Strauss, no Teatro Comunale de Florença; "Orfeu e Eurídice", de Gluck, no Municipal do Rio de Janeiro; e em "Tosca", de Puccini, no Teatro Matastasio.

Paralelamente ao repertório teatral, Patrizia atuou numa série de concertos de música de câmara e contemporânea na "L'Academia Chigiana di Siena, no Festival Musicale di Manchester, na La Sagra Malatestiana, no L'Estate Fiesolana, no Festival do G.A.M.O. (Grupo Aperto Música Ogg), em Gli Amici della Musica di Catania, Gli della Liria di Brescia, na TV Globo (Milão), no Festival del Castello Pasquini.

Esta é a primeira vez que Patrizia se apresenta em Belo Horizonte e em agosto está convidada para participar da ópera "La Bohème", de Puccini, no Teatro do Estado de Bucarest.

EDUARDO ÁLVARES

Nasceu no Rio de Janeiro e depois de estudar em Roma e Viena, estreou na Ópera de Linz no papel de Don José (Carmen), aos 21 anos de idade. No ano seguinte, foi convidado para cantar "Don Carlo" e "Un Ballo in Maschera" na Ópera de Frankfurt. Estreou na Ópera Estadual de Viena no papel de Pinkerton em "Madame Butterfly", passando então a ser convidado permanente em todas as temporadas, interpretando papéis como Don Carlo, Duque de Mântua ("Rigoletto"), Rodolfo ("Luisa Miller" e "La Bohème"). Cantou na abertura das Olimpíadas de 1972 em Munique. Foi solista das Filarmônicas de Viena, Londres, Hamburgo etc. Participou dos Festivais de Salzburgo (Canção da Terra), Spoleto (War Requiem), Würzburg (Requiem de Verdi), Jerusalém (Carmen), Montepulciano (Manon Lescaut), entre outros. Nos últimos anos vem atuando freqüentemente em Londres, onde já cantou "Aída" e "Tosca", entre outras óperas. Em 1987, realizou com grande sucesso uma turnê com a Scottish Opera interpretando Alwa em "Lulu" de Alban Berg, tendo recebido muitos elogios da crítica.



BENITO MARESCA

Natural de São Paulo, Benito Maresca concluiu o Conservatório e aperfeiçou seus estudos com o maestro Marcel Klass. Iniciou sua carreira como Turiddu em “Cavalleria Rusticana”, no Teatro Municipal de São Paulo e, na Europa, como Peri, quando a ópera “Il Guarany” foi encenada pelo corpo de cantores dos Teatros Municipais de São Paulo e Rio de Janeiro, no Teatro Massimo de Palermo, em 1974. Posteriormente, foi contratado pela direção desse teatro para as duas temporadas seguintes, participando das óperas “La Forza del Destino” e “Atilla”. Vem se apresentando nos melhores teatros internacionais, sempre com grande êxito, como o Deutsche Oper de Berlim, Staatsoper de Stuttgart, Ópera Real de Estocolmo, Teatro Reggido de Parma, Nationaltheater de Munique, entre outros. No ano passado cantou “Yerma”, de Villa-Lobos e “Otelo”, de Verdi, em Montevidéu; e “Andrea Chénier”, de Giordano, em São Paulo.

ANDRÉA RAMUS

Italiano naturalizado brasileiro, iniciou seus estudos com o maestro Donato Notari e estreou no Teatro Municipal de São Paulo, no papel de Alfio em “Cavalleria Rusticana”. Em 1971, na comemoração do centenário da ópera “Il Guarany”, de Carlos Gomes, Andréa Ramus interpretou Gonzalez, como solista convidado, no Teatro São Carlo de Nápolis, Itália. Entre os papéis que interpretou destacam-se: Marcelo em “La Bohème”, Enrico em “Lucia de Lammermoor”, Gonzalez em “Il Guarany”, Iberê em “Lo Schiavo”, Gerard em “Andrea Chénier” e os papéis-títulos das óperas “Macbeth” e “Rigoletto”.

EDSON AUDI

Iniciou sua carreira como corista do Orfeão Mineiro e fez os primeiros estudos de canto com a professora Jupira Raposo Neto. Sua estréia lírica foi em 1962, no papel de Swind na opereta “A Casa das Três Meninas”. Quatro anos depois interpretou Amonastro na ópera “Aída”, passando a exercer grande atividade em diversas apresentações no Minas Tênis Clube e na Sociedade Coral de Belo Horizonte. Firmou-se como um dos principais barítonos brasileiros, interpretando importantes papéis do repertório lírico, como Sharpless (Madame Butterfly), Enrico (Lucia de Lammermoor), Marchese e Germont (La Traviata), Schaufard (La Bohème), Alfio (Cavalleria Rusticana), Gianfero (Lo Schiavo), Don Gil (Maria Tudor), Morales (Carmen), entre outros.

VÂNIA SOARES

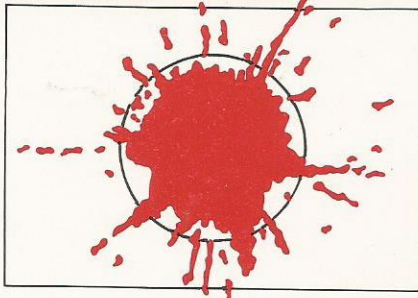
Natural de Belo Horizonte, onde iniciou seus estudos musicais sob a orientação do professor Eládio Perez-Gonzalez, Vânia Soares possui vários cursos de especialização em canto lírico e outras áreas de música.

Em São Paulo, onde está radicada há oito anos, fez sua estréia em 1980, no Teatro Municipal, na cantata profana "Alexandre Nevsky", de Prokofiev, sob a regência do maestro Fábio Mechetti. Em 1981, participou do projeto "The Baroque Art of Minas", levado aos Estados Unidos pelo governo mineiro, apresentando-se na Saint Patrick's Cathedral em New York, sob a regência do maestro Hugh Ross. Do seu repertório vocal-sinfônico destacam-se as obras "Te Deum", de Bruckner; "Les Noces", de Stravinsky; "9ª Sinfonia", de Beethoven; "Magnificat", de Bach; "Missa em Dó Menor", de Beethoven; "Rapsódia op. 53", de Brahms; "Messias", de Haendel

E ainda os principais papéis das óperas "Cavalleria Rusticana", de Mascagni; "La Traviata", de Verdi; "Lucia de Lammermoor", de Donizetti; "Bodas de Figaro", de Mozart; "Andrea Chénier", de Giordano; "Madame Butterfly" e "Suor Angelica", de Puccini. Vânia é professora titular de canto e fisiologia da voz na Faculdade de Artes Alcântara Machado, em São Paulo.

SEBASTIÃO SOARES

Integrante do Coral Lírico da Fundação Clóvis Salgado, para o qual entrou através de concurso, Sebastião Soares participa também do Coral Ars Nova e Coral da UFMG. Estudou Técnica Vocal com o tenor Marcos Thadeu de Miranda Gomes e a professora Zélia Spadano e, atualmente, estuda Declamação Lírica com o professor Geraldo Chagas. Vem atuando, como solista convidado, das maiores produções do Palácio das Artes e, recentemente, participou de um recital de operetas americanas, no PIC, recebendo elogios da crítica.



AFRÂNIO BASTOS

Ex-aluno dos professores Ângelo de Freitas e Geraldo Maia, diplomou-se pela Universidade Mineira de Arte. Estreou como solista em 1961, na ópera "Madame Butterfly" e, no ano seguinte, foi laureado com o mais importante troféu mineiro da época, o "Orpheu". Durante 12 anos foi ator de teatro e televisão. Com o coral do Minas Tênis Clube fez turnê pela Argentina, apresentando-se como solista da "Missa Crioula", de Aytel Ramires. Participou de várias das grandes produções operísticas do Palácio das Artes, como "La Bohème", "Madame Butterfly", "Tosca", "A Viúva Alegre", "I Pagliacci", "Bodas de Figaro", "Baile de Máscara", "Carmen" e apresentou-se também em recitais e concertos como solista ou integrante do Coral Lírico da Fundação Clóvis Salgado.

RITA IVANI GARCIA

Formada pela Escola Superior de Música da FUMA, Rita Ivani Garcia é integrante do Coral Lírico da Fundação Clóvis Salgado, para o qual ingressou através de concurso. Vem participando como solista das grandes produções do Palácio das Artes, entre elas "Suor Angelica", de Puccini; "Rigoletto", de Verdi; "Lucia Lammermoor", de Donizetti; "Requiem", de Mozart; "A Criação", de Haydn; "Procissão das Carpideiras", de Lindembergue Cardoso; "Maroquinhas Fru-Fru", de Mahle; "Cantata 67", de Bach e "Cortina Lírica".

EDUARDO JANHO-ABUMRAD

Natural de São Paulo, iniciou sua carreira artística interpretando Ramphis na ópera "Aída"; graduou-se em canto pelo Conservatório Dramático e Musical, na classe de Tiana Amarante e frequentou "masters classes" com Graziella Sciutti e Iris Adami Corradett. Em Bruxelas, trabalhou como solista contratado do Theatre Royal de la Monnaie, na temporada de 79/80, e vem se apresentando como recitalista de câmara e intérprete da música erudita brasileira. Estudou teatro no T.B.C. de São Paulo, com Emílio Fontana e frequentou o curso de cena lírica de Flávio Trevisan, na Itália. Entre os papéis que interpretou, destacam-se "Colline",

Inquisitore, Sarastro, Duca D'Arcos, Attila e Mefistofele. Em 1972, no concurso de canto lírico "Carlos Gomes", Junho-Abumrad recebeu 1º lugar, além de outros prêmios, e realizou, em 1984, uma turnê de concertos em diversos países da Europa.

MÁRCIO MIRANDA PONTES

Bacharel em Canto pela Escola de Música da UFMG, na classe da professora Marilene Gangana, Márcio Miranda Pontes é regente dos corais da FAFI-BH e UTRAMIG e vem atuando em todas as grandes produções do Palácio das Artes, como integrante do Coral Lírico da Fundação Clóvis Salgado. Como solista, tem se apresentado em espetáculos líricos, oratórios e recitais. Atualmente, estuda Declamação Lírica com o professor Geraldo Chagas, na Schola Cantorum, e Regência Sinfônica com o maestro David Machado, na UFMG.

**ORQUESTRA
SINFÔNICA
DE MINAS GERAIS**

Regente-Titular:
Maestro Aylton Escobar

Gerente:
Francisco Mayrink

Inspetor:
Jussan Fernandes

Secretária:
Flora Pimenta

Arquivista:
Marlene Caldeira
Marciano Mansur

Copista:
Isolda Garcia

Montador:
Glaysson A. Oliveira

Primeiros Violinos
Alejandro Ramirez - spalla
Glaucia Andrade Borges
Milton Ismael de Miranda
Adão de Oliveira
Christiana Mariza Lage Pereira
Marlene Moreira Martins
Marcelo Moraes Alves

Segundos Violinos
José Maurício Guimarães
Hortensich Chaves Nascimento
José Ramos Moreira
Olga Buza
Rodolfo Padilla
Kleber Camara
Edson Sidirley Teixeira
Hélio dos Santos e Silva

Violas
José Eustáquio Babeto
Diogenes de Araújo Nébias
Edith Pfau Gouveia
Hélio da Costa Calixto
José Aristóteles Medeiros
Ronaldo Machado Araújo

Violoncelos
Antônio Maria Pompeu Viola
Mauro Lúcio Aguiar
Nelson Marques
José Maria Lages Duarte
Milton Antônio Cunha
Hélio Magalhães de Oliveira

Contrabaixos
Affonso Guimarães
Hector Espinosa Nuñez
Jorge Coutinho
Marcelo Magalhães

Flautas
Mauricio Nunes Garcia
Juvenal Dias da Silva

Flautim
Pedro de Castro Ribeiro

Oboés
Gustavo Napolli
Fernando Gloor

Corne Inglêss
Vito Duarte

Clarinetas
Walter Alves de Souza
Jupiacir Bagno

Clarineta Baixo
Cláudio Martins Simões

Fagotes
Washington Luiz Vitalino
Joaquim Gonçalves Bosco
Francisco Formiga

Trompas
Sérgio Silva Gomes
Sérgio Ricardo Martins
Abílio Diogo Gouveia
Ronaldo Augusto Araújo

Trompetes
Antônio Efraim Berto
Maurício de Souza Muniz
Aminthas Jacques Jost de Moraes

Trombones
Paulo Roberto Lacerda
Hélio Pereira
Oscar Pereira da Rocha Neto

Tuba
Matusalém de Oliveira

Tímpano
Weber Vespasiano Aguiar

Percussão
Dino Orlando Nugent
Marco Antônio Aguiar Botelho
Eduardo Campos

Harpa
Miriam Rugani Viana

**CORAL
DA FUNDAÇÃO
CLÓVIS SALGADO**

Regente-Titular:
Maestro Carlos Alberto P. Fonseca'

Gerente:
Clóvis Augusto Salgado

Sopranos
Carmem Lúcia Brescia Gazire
Divora Mizrahy
Elenis Aparecida Sabino Guimarães
Eliaci Macedo de Souza Soares
Júlia Sampaio
Luzia Fernandes Peixoto
Maria Aparecida Oliveira Costa
Maria Aparecida Souza Felipe
Miriam Borges de Andrade
Rosa Dias de Oliveira
Vânia Goulart Pacheco

Contraltos
Alice de Souza
Ana Maria Aguiar Vincent
Dorothy Dantés dos Reis
Mara Dalva Alvarenga
Márcia Gonçalves Coelho
Lourdes Maria da Conceição
Maria Olympia Falabella
Nilza Moreira
Rita Ivani Garcia

Tenores
Afrânio da Silva Bastos
Alfrio Pereira dos Santos
Hélcio Rodrigues Pereira
Hugo Augusto da Silva
José Augusto da Silva
Ronaldo Trigueiro
Sandro Assumpção de Deus
Zenon de Medeiros

Baixos
Agostinho Vieira Neto
Alcione Soares
Ciro Lopes da Silva
Francisco Carlos Meira Faria
Iuri Michailowsky Gomes
João Geraldo de Erédia
José Carlos Leal
Márcio Miranda Pontes
Sebastião Soares Teixeira

**BAILARINOS
DO CURSO
PROFISSIONALIZANTE
DO CENTRO
DE FORMAÇÃO
ARTÍSTICA DA F.C.S.**

Adriana Corrada
Cristiane Vaz de Melo
Heloísa de Assis
Helvia Vidigal
Juliana Pontes
Flávia Perez
Kátia Tavares
Neisse Drummond



Plaza Palace Hotel ★★★

Rua Rio de Janeiro, 147 - Tel.: (031) 201-5222 - Telex (031) 2612

Internacional Plaza Palace Hotel ★★★★★

Rua Rio de Janeiro, 109 - Tel.: (031) 201-2300 - Telex (031) 3048
Belo Horizonte - MG - Brasil

Hotel São Paulo

Provisoriamente ★★

Rua Vinte e Um de Abril, 157 - Tel.: (031) 201-5500
Belo Horizonte - MG - Brasil
DDD Gratuito (031) 8002347

CENTRO TÉCNICO DE PRODUÇÕES

Coordenador do Centro Técnico de Produção:
Raul Belém Machado

Coordenador do Centro de Produção Lírica:
Wilson Simão

Assessor Artístico: Elvécio Guimarães

Assistente Artística: Christina Aguiar

Gerente da OSMG: Francisco Mayrink

Gerente do Coro: Clóvis Augusto Salgado

Regente Interno: Luiz Aguiar

Correpetidora: Gilka Nastasity

Chefe da Divisão de Mecânica do Palco: Jorge Luiz

Operadores Técnicos: Marco Antônio Bahia, Gilmar da Costa, Heron Loreto, Roberto Diniz Pontes e Túlio Márcio

Contra-Regras: Roberto Diniz Pontes e Sorriso

Eletricistas: Sebastião Acácio dos Reis e Eustáquio Bento

Maquinistas: Maurício Ferreira, Joaquim Agostinho Pereira, José Garcia Tiradentes, Danilo Magalhães Ferreira, Vicente Fernando dos Santos, Argemiro Agostinho Pereira, Sérgio Bini, Sorriso, Helvécio Izabel e Roberto Duque.

Camareira: Efigênia Soraya

Chefe da Divisão de Adereçaria e Figurinos: Celsa Rosa
Figurinos: Marilú Reis, Heloisa Mendes, Vera Caiô e Marly Antunes

Assistente de Cenografia: Ângela Carvalho, Sandra Rocha e Hernani Lima

Cenotécnicos: Nilo Pereira, Laurite e Luiz São Jorge

Maquiladores: Regina Maia,
Joaquim Montiel e
Luiz Costa

Assessoria para Assuntos Japoneses: SRA. MASAKO MURASE

CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Coordenadora: Lúcia Scoralick

Publicidade: Rita Patente e Sônia Salles

Pesquisa e Revisão: Rita Patente

Jornalismo: Paulinho Assunção, Clara Arreguy, Cláudia Piersanti, Ângelo Roberto Lima e Afonso de Souza

Relações Públicas: Rosane Haddad e Dodora David

Fotografia: Waldir Simões Lau e Giovani Pereira

Projeto Gráfico e Símbolo: Márcia Larica

Arte-Final: Sônia Magalhães Alves e Márcia Larica



FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO



Dept.º Comunicação / Dept.º Arte: SSV

Todo seu talento e imaginação
transformados em vídeo.
U-Matic. 1 Polegada. Cine-VT.
Venha produzir conosco.

Av. 31 de Março, 435 - Dom Cabral - Fone: 332-8711 - Telex: 31 6049 ISJB
CP. 205 - CEP 30.530 - Belo Horizonte - MG



*Presente nos grandes
eventos culturais.*

Apoio Cultural:

Instituto de Ópera da
FUNDACEN/MINC.

Agradecimentos:

BELGO-MINEIRA Companhia Siderúrgica

REDE GLOBO MINAS

REDE MANCHETE

TV MINAS Cultural e Educativa

TV BANDEIRANTES

TV ALTEROSA

RÁDIO GLOBO



*Sociedade de
Empreendimentos e
Construções Ltda.*

Participando em
mais uma obra de arte.